
A LEITURA COMO ATIVIDADE DE CAÇA E DIALOGISMO NO CLUBE DO LIVRO LIA LOPES DO IFRN - CURRAIS NOVOS

READING AS A HUNTING ACTIVITY AND DIALOGISM AT THE IFRN
BOOK CLUB LIA LOPES AT IFRN- CURRAIS NOVOS

139

Juan dos Santos Silva¹
Maria Jahynne Dantas dos Santos²

Enviado em: 15/10/2020

Aceito em: 17/02/2022

RESUMO: Este artigo propõe discutir o processo de formação de leitores na escola promovido pelos professores de língua materna a partir da análise do Clube do Livro do IFRN Currais Novos, decorrente do projeto de extensão intitulado “Comunidade de leitores: uma experiência de fomento literário no Seridó”. Interessa-nos refletir como se constitui essa comunidade, quais são os possíveis impactos discursivos dentro e fora da escola e como se dão as práticas de leitura em torno de obras que, por vezes, se colocam fora do cânone e da “boa leitura” defendida pela instituição escolar/familiar ou qualquer outra instituição detentora do ofício de formar leitores. Para tanto, as concepções advindas de Bakhtin e o Círculo, bem como de Cosson (2018) e Petit (2013) sobre o processo da leitura, permitem a contemplação crítica desse processo a fim de tratá-lo como prática discursiva concreta, situada e contextualizada, gestada nas práticas culturais dos sujeitos (CERTEAU, 2014). A pesquisa se insere na Linguística Aplicada (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006) e se orienta metodologicamente em um viés qualitativo.

Palavras-chave: Formação de leitores. Clube do livro. Linguística Aplicada. IFRN.

ABSTRACT: This article aims to discuss the process of reader training at school promoted by native language teachers based on the analysis of the IFRN Currais Novos Book Club, resulting from the extension project entitled “Community of readers: an experience of literary development in the Seridó”. We are interested in reflecting how this community is constituted, what are the possible discursive impacts inside and outside the school and how reading practices take place around works that are sometimes placed outside the canon and the “good reading” advocated by the school / family institution or any other institution holding the profession of training readers. Thus, the concepts arising from Bakhtin and the Circle, as well as from Cosson (2018), Certeau (2014) and Petit (2013) about reading and youth allow critical contemplation of this process in order to treat it as a concrete discursive practice, situated and contextualized. The research is inserted in Applied Linguistics (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006) and is methodologically oriented in a qualitative paradigm.

Keywords: Reader training. Book Club. Applied Linguistics. IFRN.

Introdução

A leitura literária é uma prática antiga e que sofreu inúmeras mudanças ao longo do tempo. Apesar disso, o processo de democratização dessa prática demorou a se concretizar, seja pelo lento processo de alfabetização dos sujeitos, seja pela veiculação das obras literárias restritas a ambientes das elites econômicas e intelectuais. O aumento do número de sujeitos aptos a ler e escrever fez

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem na área de estudos em Linguística Aplicada (UFRN/Ppgel) e professor substituto de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN. E-mail: juanfflorencio@gmail.com.

² Mestra em Linguagem e Ensino, Área de Concentração em Ensino-Aprendizagem de Língua e Literatura, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e professora de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN. E-mail: hynnedantas@hotmail.com.

surgir práticas discursivas de leitura e escrita que propiciaram, entre outras coisas, um maior número de produções literárias em circulação e um maior interesse do público pelo artefato literário. A literatura, então, assume um papel não só de ludicidade ou de entretenimento, mas se transforma em um canal responsável por ecoar vozes de sujeitos até então com pouco protagonismo, tanto na produção quanto na recepção.

A partir desse paradigma, é preciso evidenciar que essa democratização não ocorre de forma efetiva e generalizada em todas as sociedades, ocasionando um processo de formação de leitores diferente em cada país ou até mesmo em grupos distintos em um mesmo país. No Brasil, por exemplo, dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2007 a 2019), realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, encomendada ao Ibope Inteligência, divulgada em 2020, evidenciam que o brasileiro não tem tanta familiaridade com o livro quanto se deseja. Da mesma forma, a pesquisa também revela parcelas substanciais de leitores juvenis que consomem os mais variados tipos de leitura e parecem fermentar os números de leitura no país. Logo, a pesquisa mostra dois campos em ambivalência, um país que, como um todo, tem baixos índices de leitores e uma parcela da população que desafia essa estatística, apresentando taxas significativas de consumo literário.

Assim, nos interessa aqui entender como se dão essas práticas de leitura por esse público juvenil. Ao compreender que a democratização da literatura não se dá de forma igual, enfocamos as práticas de leitura em uma comunidade de leitores do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - Currais Novos, no qual os leitores estão distantes dos grandes centros econômicos do país e da capital do seu estado. Objetivamos, assim, compreender como se estrutura essa comunidade de leitores para a obtenção dos seus propósitos e as repercussões discursivas dessas práticas leitoras em uma região geográfica tida como desigual economicamente e com valores conservadores.

1 O papel da Linguística Aplicada na formação de comunidades de leitores e no diálogo entre cânone e fãnone

A Linguística Aplicada compreende o mundo como em constante processo de movimento. Essa ideia segue o fio tecido pelos filósofos mobilistas³ que valorizavam a experiência sensível e alertavam para o aspecto transitório da realidade, problematizando os ideais de permanência e estabilidade nos construtos sociais (FABRÍCIO, 2006). Isso implica uma ciência que se preocupa com a realidade em que seus sujeitos estão inseridos, criando não só maior inteligibilidade para as práticas sobre as quais se debruça, como também uma série de categorias teóricas e metodológicas que não se manterão estáveis ao longo do tempo; antes, estarão em constante processo de mutação para melhor se adequarem àquela realidade que tentam construir e investigar.

Isso não quer dizer que todo o conhecimento teórico da Linguística Aplicada se transforma em algo diferente constantemente, como se em cada recorte temporal da disciplina já não fosse possível estabelecer ligações com o que veio antes. Na realidade, o que acontece é um processo de mutação. Velhas teorias coexistem com novas e, à medida que interagem, novas formas de pesquisa surgem e o conhecimento da área segue em constante reconstrução, suturando ideias antigas e novas em vista de construir novos paradigmas de análise de linguagem.

Nessa perspectiva, a Linguística Aplicada tem tido como objetivo principal “focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais” (FABRÍCIO, 2006, p. 48). As práticas sociais dos sujeitos, próprios agentes de construção da linguagem nessa perspectiva, não podem ser estudadas em recortes à vácuo que ignorem suas realidades sociais, à parte das especificidades temporais e espaciais e sem a compreensão de que todo discurso é carregado de posicionamento e ideologia. Nesse sentido, o estudo de determinada

³ Filósofos como Heráclito defendiam um mundo contínuo, onde nada permanece idêntico a si mesmo. Aqueles que comungavam de seu pensamento ficaram conhecidos como mobilistas.

prática discursiva demanda uma ampla investigação dos fatores sociais envolvidos em tais ações, desde a prática de linguagem em si, os sujeitos que as produzem e o plano de fundo (histórico, temporal e espacial) ao qual estes estão sobrepostos.

A partir dessa breve apresentação sobre a Linguística Aplicada e alguns de suas preocupações, é importante lembrar que a área se ampara em dois pilares fundamentais (LEFFA, 2001): a resolução de problemas em que a linguagem tem papel principal e a resposta aos sujeitos envolvidos em tais práticas.

Recentemente, foi divulgado pelo Instituto Pró-livro o resultado da 5ª. Edição da Retratos da Leitura no Brasil, pesquisa idealizada pelo instituto em parceria com outras instituições com o intuito de analisar a prática de leitura no país. Nessa nova edição, se confirmam os baixos índices de leitura no Brasil e, na contracorrente, um próspero número de leitores crianças e adolescentes. Nesse paradigma, evidencia-se a leitura como uma prática discursiva que enfrenta problemas de efetivação no país e um rico campo de investigação para a Linguística Aplicada, afinal, a sala de aula, local em que se gestam e se incentivam muitas dessas práticas nessas faixas etárias, não está isolada do meio social, mas inserida nela e respondendo a muitos dos conflitos discursivos que circulam pela sociedade. Além disso, o número próspero de leitores em idade escolar também evidencia uma possível falha da escola na efetivação do processo de formação de leitores, uma vez que ao sair da faixa etária escolar a leitura literária parece sair do cotidiano dos sujeitos.

Nesse sentido, é preciso problematizar essa formação de leitores por ser uma questão em que a linguagem tem protagonismo e, a partir disso, dar retorno à sociedade, sobretudo aos professores de língua materna, os quais são grandes responsáveis no processo de formação de leitores.

Os espaços marginais, bem como o modo de focalizá-los, seriam um lócus de ocorrência do novo, e com eles poderíamos aprender a ‘ver com outros olhos’. As opções políticas envolvidas nessa ótica têm implicações para a construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometidos com a transformação da situação de exclusão social em diversas áreas, causadoras de sofrimento humano. É em razão dessas possibilidades que as escolhas temáticas e teóricas se justificam, e não em razão de uma superioridade epistemológica. Haveria nesses ‘territórios subestimados’ e nas práticas sociais neles desenvolvidas, bem como na maneira híbrida de construí-las teoricamente, um campo criativo fértil, porque mais liberto de modos de vida consagrados e de sentidos consensuais, para a experimentação do ainda não aventado e do ainda não concebido pelos discursos que circulam no ‘primeiro’ mundo europeu e anglo-saxão. (FABRÍCIO, 2006, p. 52).

A partir do que aborda a autora, é possível tecer relação entre a emergência de buscar no marginal os artefatos de pesquisa e o objeto investigado neste artigo. Isso porque, na sala de aula de língua portuguesa, nos momentos em que a literatura ganha foco, tende a se materializar uma força de normatização que elege como obras e autores possíveis aqueles que pertencem ao cânone literário. Consagrados pela crítica e pela academia, um grupo de autores e obras tem sido discutido, abordado e usado como corpus de ação didática no ambiente escolar, o que por um lado é extremamente coerente, dada a importância desses artefatos e sujeitos para a construção da literatura nacional e mundial. Contudo, por outro, causa problemas, por nem sempre essa literatura ser bem recebida pelos alunos, seja pela linguagem tão diferente da usada por eles, seja pelo contexto também distinto, envolvendo personagens com os quais eles não conseguem estabelecer conexões afetivas.

Assim, a escola cumpre, por um lado, o seu papel de apresentar obras e autores para os seus alunos, mas, por outro, falha ao solidificar a formação de leitores, uma vez que se costuma apresentar apenas um tipo de literatura, a canônica, e se ignora outras produções, sobretudo as mais recentes e que mais dialogam com o tempo e espaço dos alunos. Assim, quando a escola ignora um certo tipo de literatura e a academia - simbolizada pela universidade - se exime de inseri-las em suas discussões, ignora-se um acervo enorme de obras que se caracterizam exatamente por

atingir um grande número de leitores e consumidores, o fãnone⁴.

Esse movimento pode ser entendido pelo que Bakhtin (2015) denomina forças-verboideológicas, as quais se ramificam em forças centrípetas - forças de contenção da linguagem -, e forças centrífugas - forças de dispersão da linguagem. Ou seja, enquanto as forças centrípetas (nesse caso as leituras canônicas) tentam homogeneizar as possibilidades de leitura e oficializar autoritariamente o valor de bom, as forças centrífugas (leituras que não se encaixam no cânone) tentam corroer esse discurso dominante com uma circulação alternativa de obras ligadas ao fãnone e que contestam a ideia única de literatura válida e boa.

Esse processo ganha maior importância na sala de aula ao considerarmos a leitura como uma atividade de caça (CERTEAU, 2014). Nesse sentido, ela é compreendida como operação de caça, pois, durante sua realização, o leitor assume um papel – que nem toma o lugar do autor, nem toma para si um papel de autor – de caçador que, na trajetória da narrativa, a constrói a partir da costura coesiva que faz com base em seus próprios fragmentos e cria um “algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações” (CERTEAU, 2014, p. 241). Nesse sentido, fica nítido que o leitor não tem um papel meramente submisso em relação a obra que lê, seja em um momento solitário, seja na sala de aula. Ao contrário, ao pôr em diálogo as questões e vozes evocadas pelo texto literário com a própria voz e concepção de mundo, e com as vozes que estão fora de si e do texto, no mundo social, o sujeito leitor empreende um movimento de caça que constrói sentidos para além dos pré-determinados, inaugurando uma visão singular sobre aquilo que se lê. Nessa concepção de leitura, o leitor ganha papel mais ativo, bem como aquilo que se lê, uma vez que se instaura um processo ativo de leitura e manejo de vozes que dá autonomia para quem lê e a capacidade de permanecer atual e fazendo sentido ao texto literário.

A partir dessa compreensão, fica evidente que o processo de leitura envolve o encadeamento de diversas vozes, as quais partem tanto do texto como daquele que lê. É o entrecruzamento, embate e mistura dessas vozes ao longo do processo de leitura que constroem a experiência discursiva de uma dada leitura. Assim, a leitura finda por assumir um papel que envolve o prazer para quem lê, mas também outras questões como a reflexão, a alteridade e, conseqüentemente, um processo de acabamento a partir do herói literário⁵. Ou seja, o leitor ao ler um livro inicia um diálogo com um mundo diferente do seu a partir do olhar de um ser diferente. Nesse processo, ele permite se abrir para um outro e, conseqüentemente, ao final da leitura, já não será o mesmo do início.

A leitura, então, pode ser vista como um processo singular, dado que seu leitor também assim o é, e como fonte para o exercício da alteridade. Nesse sentido, é nítido porque muitos alunos optam por leituras que estão fora do cânone. Diversas obras tidas como *best-seller* ou de entretenimento constroem, por exemplo, universos fantásticos em que jovens têm poderes, ou lutam contra governos opressores ou enfrentam crises identitárias por estarem fora dos padrões (pessoas negras, gordas, deficientes, LGBTQIA+, por exemplo). E, por vezes, tudo isso junto. Nessas narrativas, esses sujeitos conseguem se enxergar com mais facilidade e encontram ali também a sua fonte de diversão e de reflexão sobre o mundo. Não que os clássicos não possam fazer isso, mas essa literatura *fanônica* faz de uma forma mais palatável para esse público com uma linguagem mais próxima da deles. Isso justifica, inclusive, o alto número de leitores brasileiros entre a faixa etária de 5 a 13

⁴ O termo fãnone vem da fusão dos termos fã e cânone. O fã vem da posição que muitos dos leitores dessas obras assumem em relação a elas, materializando uma relação afetiva tão forte que se veem nas personagens, acompanham compulsivamente as continuações de histórias e, por vezes, materializam a narrativa para além da literatura com itens de colecionador, fanfics, revistas que tratam da obra etc.

⁵ Em seus estudos sobre o herói literário, Bakhtin (2010) evidencia que esse assume competência ideológica e independência, ou seja, seu papel na narrativa não é ser mera extensão do ponto de vista do autor, mas construir um todo acabado e dotado de valor e poderes plenos. Ou seja, no momento da leitura, o leitor tem acesso não a meros personagens vazios, mas a ideólogos, sujeitos ficcionais dotados de posicionamento e capacidade de reflexão e, a partir dos encontros e questões dessas personagens na narrativa, o leitor pode tomar para si determinadas questões e iniciar um processo de mudança interior a partir da contemplação desses ideólogos literários.

anos, como evidencia a última edição (2020) da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. A escola é muito bem-sucedida para indicar leituras nos anos iniciais, porém, começa a falhar ao longo do tempo quando recorre ao acervo clássico e esquece as demandas do público juvenil que recebe.

Assim, é urgente que a teorização dessa temática alcance a escola para que ela possa reverter esse panorama e aderir a uma epistemologia que, além de singularizar o público escolar, também amplie a escuta para as vozes do sul (SANTOS, 2004), ou seja, as vozes daqueles sujeitos que, ao longo da história, tem tido suas demandas e questões invisibilizadas do meio social. Como mencionado no parágrafo anterior, a literatura pode ser o lugar em que muitos sujeitos encontram representações de si, na verdade, para alguns, um dos únicos lugares. Para o caso dos LGBTQIA+ em sala de aula, dos sujeitos negros e dos outros mencionados, a literatura pode ser a chance de ter essas temáticas debatidas em sala e, quem sabe, funcionar como forma de dar voz a esses sujeitos e ser responsiva às dores as quais são submetidos. Portanto, é dever ético do pesquisador situado na Linguística Aplicada trazer essas vozes para o centro da pesquisa e, consequentemente, formar professores capacitados para essas outras possibilidades de leitura, com a intenção de dar voz a esses sujeitos e fazer com que, nesse processo discursivo, o valor negativo que os ronda seja corroído.

Seguindo essa perspectiva, em suas pesquisas sobre leitura, sobretudo naquelas em que os sujeitos leitores estavam em posição de vulnerabilidade ou de privação de performarem quem são, a pesquisadora francesa Michèle Petit (2013) percebeu a função poderosa da literatura para muitos desses sujeitos que a elegeram como prática lúdica.

O que descrevem os adolescentes e adultos, independentemente de sua classe social, quando evocam as leituras importantes de suas vidas? Algumas vezes, uma página ou uma frase que leram e que falaram algo sobre eles. Essas frases, esses fragmentos de textos, funcionam como insight, como tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, como esclarecimentos sobre uma parte de si mesmos até então desconhecida. Isso permite a eles decifrarem sua própria experiência. É o texto que "lê" o leitor, que sabe muito sobre ele, sobre regiões nele que ainda não haviam sido exploradas. O texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor tem dentro de si. E às vezes o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto em que estava preso, para se diferenciar, para se libertar dos estereótipos aos quais estava preso (PETIT, 2013, p. 46).

A leitura é para muitos, então, um momento de refúgio. Uma prática que permite se ausentar um pouco da materialidade singular e vivenciar a jornada do outro sem que, no entanto, se abandone o corpo original. Nessa contemplação do outro, encontra-se a si mesmo e, para muitos, a leitura é o momento em que se pode ser quem se é com segurança. Em muitos espaços, ainda se interdita corpos que destoam das características hegemônicas: gays, negros, mulheres, imigrantes, pobres e muitos outros sujeitos encontram na literatura o espaço para se encontrar em uma sociedade que tenta apagá-los a todo momento. Talvez, seja esse um dos fatores que evidenciam o grande número de leitores juvenis. A puberdade e o processo de descoberta que continua mesmo após o seu fim envolve jovens em um período de metamorfose muitas vezes doloroso. É exatamente a alteridade da leitura que auxilia muitos nesse processo de acabamento e construção de si. Pode ser nas páginas do livro que esteja o impulso para desencadear performances até então sufocadas.

Nesse sentido, a aula de literatura precisa resgatar aquele que deveria ser seu papel principal: a formação de leitores. Por sua vez, as epistemologias e construtos teóricos desenvolvidos pela Linguística Aplicada que demonstram essa preocupação com a singularidade dos sujeitos e com a atenção para as vozes marginalizadas têm muito a contribuir com essa (re)formação docente.

É preciso lembrar que é o professor quem rege a prática discursiva do evento aula. Assim, é sua responsabilidade mediar as vozes que se materializam durante sua prática com os alunos,

portanto, cabe a ele ser uma força centrífuga ou centrípeta nessa formação de leitores e, caso opte pela primeira opção, ele precisa de um arcabouço teórico que sustente a sua prática docente. Mais do que isso, o professor precisa de uma concepção de linguagem que guie a sua prática docente e, mais importante, essa concepção precisa estar aberta para a diversidade e singularidade dos alunos, já que não é mais razoável entender uma classe como uma grande massa de alunos. A sala de aula reflete e refrata a realidade social fora da escola, nesse sentido, o professor é responsável por corroer as injustiças que chegam à escola nesse processo. A aula de língua portuguesa pode ser um caminho para essa mudança.

2 Caracterização do IFRN

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) busca concretizar um currículo comprometido com a formação humana integral e socialmente referenciada, articulando ciência, cultura, trabalho e tecnologia; possui 22 campi que alcançam todas as regiões do estado e oferta 109 cursos nas mais diversas áreas do conhecimento, contemplando cerca de 28 mil alunos⁶. Por sua vez, o campus Currais Novos atende a uma comunidade formada por 13 municípios e oferta cursos nas áreas de Alimentos, Informática, Química e Meio Ambiente. Em 2019, o campus atendeu a quase 2000 estudantes nas modalidades Especialização, FIC, Licenciatura, Técnico Integrado, Técnico Integrado EJA e Tecnologia⁷.

No que concerne ao currículo de Língua Portuguesa e Literatura, os programas de curso do IFRN estão pautados na leitura e estudo dos gêneros discursivos literários, tais como o poema, o romance, a crônica, o conto, a novela e o texto dramático⁸. Nesse sentido, as perspectivas de abordagem da literatura em sala de aula se distanciam do ensino historiográfico dos estilos de época da literatura, uma vez que estes não estão contemplados no programa de curso, e se aproximam da possibilidade de leituras integrais de obras, com espaços para o compartilhamento de leitura.

Nos Institutos, as aulas de Língua Portuguesa e Literatura são espaços preocupados em formar leitores, além de possibilitar o estudo daquilo que está previsto no programa de curso de cada série. De acordo com Silva (2021),

além de um currículo mais aberto às diversas possibilidades de ensino de língua materna e de formação de leitores, o IFRN ainda conta com diversos projetos na área de linguagens em seus diversos campi, além de possuir projetos como clubes de leitura ao longo de todo o estado. Essa abordagem que trata a literatura de diversas formas e possibilita uma visão de literatura mais ampla constrói um ambiente educacional que descaracteriza a visão de literatura como um artefato acadêmico, obrigatório e difícil, construindo, em seu lugar, a visão da leitura literária como forma de prazer (SILVA, 2021, pp. 992-993).

É preciso destacar que escola e professores exercem papel importante no que diz respeito à indicação de leituras. De acordo com os dados divulgados pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, aproximadamente 48% da população brasileira não lê, no entanto, a pesquisa também aponta que crianças e jovens em idade escolar, entre 5 e 17 anos, representam a parcela da população que mais lê no país, sendo assim, é possível perceber como o ambiente escolar e os educadores e educadoras possuem papel relevante para a formação de leitores. A partir de outra investigação de Silva, em parceria com Casado Alves (SILVA; CASADO ALVES, 2019), é evidente que os próprios alunos participam de práticas discursivas em torno da leitura nos institutos, como a formação de comunidades de leitores, as quais contam com apoio do instituto para que se desenvolvam e fomentem a formação leitora. Assim, debruçar-se sobre essas práticas é fundamental para

⁶ Informações coletadas no portal oficial do IFRN. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 15 jan 2021.

⁷ Dados obtidos no Suap (Sistema Unificado de Administração Pública).

⁸ Matriz curricular do Curso Técnico Integrado em Alimentos: https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/campus/curraisnovos/ensino/cursos_atu/lateral/sensibilizacao/alimentos.html.

construir inteligibilidade sobre esses processos e guiar a sua adaptação para outros ambientes escolares.

2.2 O Clube Do Livro Lia Lopes

a. Organização do Clube

Um clube de leitura constitui-se basicamente de uma comunidade interessada em partilhar e discutir leituras ou obras literárias. Os encontros podem acontecer em locais diversos que vão desde bibliotecas, salas de aula, praças públicas, até ambientes virtuais, como blogs, plataformas de compartilhamento de leitura ou YouTube.

O Clube do Livro Lia Lopes foi uma iniciativa de um grupo formado por 5 estudantes do último ano do Curso Técnico Integrado em Alimentos do IFRN Campus Currais Novos, cujo objetivo era trazer para o ambiente escolar uma experiência leitora que já desenvolviam fora dele. Nesse sentido, vale destacar as considerações de Cosson acerca de grupos de compartilhamento de leitura gestados fora do ambiente escolar. Segundo o autor,

se na escola e em ambientes similares, a ênfase é sobre o caráter formativo dos círculos de leitura, fora da escola o traço que mais se distingue é a sociabilidade que proporcionam. A interação social e o compartilhamento de perspectivas são as marcas que identificam os grupos de leitura formados espontaneamente ou sob o patrocínio de alguma instituição ou organização (COSSON, 2018, p. 148).

Por intermédio do grupo de professores de Língua Portuguesa e Literatura, a iniciativa dos estudantes foi transformada em Projeto de Extensão com o objetivo de potencializar a constituição de comunidades de leitores de literatura e fortalecer a consolidação de uma comunidade de leitores na cidade de Currais Novos.

Em princípio, as atividades do Clube se desenvolveram a partir de um roteiro previamente estabelecido pelos estudantes voluntários do projeto sob a orientação dos professores. Após alguns encontros, e levando em consideração a familiaridade, a experiência dos voluntários do projeto, e a avaliação proposta pelos orientadores, o modelo de planejamento se encaminhou para uma proposta mais aberta de discussão.

Para os encontros, adotou-se o modelo de círculo semiestruturado proposto por Cosson (2018, p. 159). Nele, não há “propriamente um roteiro, mas sim orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sob a responsabilidade de um coordenador ou condutor que dá início à discussão, controla os turnos de fala, esclarece dúvidas e anima o debate”. De início, os orientadores do projeto revezavam com uma das voluntárias a função de condutor dos encontros, até que, ao final do projeto, ela passou a conduzi-los.

No que concerne à organização, preparação e execução dos encontros, por ser um projeto de extensão, havia a necessidade de mobilizar tanto o público interno (comunidade acadêmica do IFRN Campus Currais Novos) quanto o público externo, para tanto, a criação de comunicação via redes sociais foi fundamental.

Por meio do Instagram (@clubedolivroifcn) e do Whatsapp o projeto conseguiu comunicar-se com o público-alvo de maneira direta, obtendo respostas rápidas. Com um público diverso, a seleção das obras literárias é tarefa nem sempre fácil, visto que é preciso levar em consideração o perfil leitor, o ambiente no qual os sujeitos estão inseridos assim como os objetivos a serem alcançados. Partindo desses pressupostos, foram promovidos enquetes e quizzes para a escolha das leituras.

As votações via redes sociais eram acompanhadas de informações sobre as obras e seus autores com o objetivo de oferecer aos possíveis leitores referências para que pudessem fazer suas

escolhas. As obras selecionadas para leitura caminharam entre o cânone literário (*Uma amizade sincera* e *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector; *A revolução dos bichos*, de George Orwell) e o fãnone (*Simon vs. a agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli; *Jantar Secreto*, de Raphael Montes; *Legend: a verdade se tornará lenda*, de Marie Lu).

Os encontros para compartilhamento de leitura e discussão em grupo ocorriam com uma frequência que variava entre 30 e 40 dias. Sabe-se que a manutenção de um calendário fixo de encontros facilita a organização, divulgação e participação, embora o grupo tenha enfrentado problemas de diversas naturezas para manter um cronograma fixo de atividades, o projeto fomentou espaços de sociabilidades nos quais os leitores tiveram oportunidade de construir trajetórias e práticas leitoras para além do cânone, e de discutir temas que fazem parte de suas realidades.

Constituído como um espaço aberto de leitura e discussão diversas, o Clube mobilizou, por exemplo, em torno da obra *Simon vs. a agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli, 49 sujeitos dispostos a falar sobre o rito de passagem de um protagonista jovem e gay que enfrenta uma sociedade homofóbica. No mês seguinte, 11 leitores estavam presentes na discussão do suspense brasileiro *Jantar Secreto*, de Raphael Montes. Esses números apontam para a heterogeneidade do público que busca por diferentes leituras, temáticas, gêneros.

Os momentos de discussão das obras, isto é, de compartilhamento de leitura, ocorreram nas salas de aula, sala de Arte, em espaços abertos de convivência do campus e no auditório do IFRN. Outras atividades foram desenvolvidas pelo Clube do Livro Lia Lopes no sentido de dialogar com a comunidade externa e fomentar espaços de compartilhamento de leitura, tais como: promoção de uma oficina de oralização de poesia, ministrada pela professora, ativista pelos direitos das mulheres e poeta Luma Carvalho; lançamento do livro *De Copo e Alma*, do professor e poeta Pedro Gurgel; promoção de roda de conversa com escritores por meio do projeto Caravana de Escritores Potiguaras.

b. Implicações discursivas das práticas de leitura em comunidade no Seridó

Em termos teórico-metodológicos, os estudos da análise dialógica do discurso (ADD) levam em consideração o pensamento bakhtiniano de que a essência do texto "sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos" (BAKHTIN, 2016, p. 76). Ou seja, porquanto o estudo das ciências humanas parte do texto, essa prática discursiva deve ser entendida não como um enunciado novo e desprendido de um produtor, mas antes como o resultado de uma interação de um eu com um outro que, em dado tempo e dado espaço social, produz sentido. Assim, ao analisar as práticas de leitura que se gestam no Clube do Livro Lia Lopes, é fundamental que se apresente o contexto em que a comunidade se organiza e como essa atividade de leitores promove tensões discursivas com esses outros que o cercam.

A cidade de Currais Novos está localizada no Nordeste brasileiro, no interior do estado do Rio Grande do Norte, em uma região denominada Seridó. Apesar de ter uma população considerável em relação a outras cidades do interior do Estado e uma boa condição financeira, ainda mantém algumas características bem marcantes de herança da formação urbana no Nordeste, em especial da região conhecida como sertão. Esse processo característico pode ser evidenciado a partir dos estudos de Darcy Ribeiro (2015).

Denomina-se sertão a região para além dos solos férteis do massapé, utilizados para o plantio de cana-de-açúcar, que, inicialmente, não chamaram atenção do colonizador, sendo ocupado só muito tempo depois para, sobretudo, a criação de gado (RIBEIRO, 2015). Aos poucos, a região começou a ganhar mais prestígio com o comércio de carne bovina, no entanto, esse prestígio só se materializava em melhoria de vida para os grandes donos de terras, os coronéis, enquanto seus trabalhadores apenas ganhavam o básico e sobreviviam de uma cultura de subsistência. Assim, estrutura-se uma primeira hierarquia social, em que o coronel se torna a figura de maior respeito

nas cidades e o vaqueiro o vê como divindade, assim como a igreja católica que começa a se expandir para essas regiões (RIBEIRO, 2015).

As populações sertanejas, desenvolvendo-se isoladas da costa, dispersas em pequenos núcleos através do deserto humano que é o mediterrâneo pastoril, conservaram muitos traços arcaicos. [...] Contrastam flagrantemente em sua postura e em sua mentalidade fatalista e conservadora com as populações litorâneas, que gozam de intenso convívio social e se mantêm em comunicação com o mundo. Em muitas ocasiões, esse distanciamento cultural revelou-se mais profundo que as diferenças habituais entre os citadinos e os camponeses de todas as sociedades, fazendo explodir as incompreensões recíprocas em conflitos sangrentos. Na verdade, a sociedade sertaneja do interior distanciou-se não só espacial mas também social e culturalmente da gente litorânea, estabelecendo-se uma defasagem que as opõe como se fossem povos distintos (RIBEIRO, 2015, p. 261).

A partir do diálogo com Ribeiro (2015), é evidente que a região denominada Sertão corresponde a um agrupamento cultural que, dada a sua história, ainda mantém inúmeras visões conservadoras e pautadas em uma organização social colonial, em termos políticos e religiosos. Isso pode ser evidenciado a partir das próprias manifestações recorrentes de membros da Igreja Católica da região que, costumeiramente, viram notícia ao tentarem desmoralizar os Institutos Federais com acusações de que a escola promove desvios morais⁹. Ao mesmo tempo, se distancia das grandes cidades por manter uma forte noção de coletividade e de tradição regional. Nesse prisma, o que se tem é uma sociedade na qual, sobretudo devido ao tamanho da cidade, haja um controle muito maior dos corpos que por ela circulam. Assim, questões como a sexualidade, a liberdade feminina, a descoberta da identidade racial e outras acabam, por vezes, sendo minimizadas ou apagadas nesses ambientes.

Ao nos debruçarmos sobre uma escola que se situa nessa região, é de se esperar que as performances discursivas dos alunos estejam carregadas desses valores e visões de mundo. No entanto, no caso do IFRN, o primeiro choque acontece quando uma parte considerável do corpo docente e dos demais funcionários da escola não são da cidade ou, muitos dos que são, se ausentaram da cidade para outra maior para realizar seus estudos. Assim, essas pessoas experimentaram perspectivas de vida para além dos limites do sertão, o que faz, potencialmente, com que tenham absorvido discursos mais libertadores do que os da região. No entanto, isso não é uma regra. Afinal, morar na capital ou em cidades mais desenvolvidas não garante um pensamento mais aberto às diferenças, às vezes, só reforçam a repulsão ao diferente em detrimento de uma identidade tida como correta.

Assim, o IFRN, nas cidades em que se situa, acaba sendo uma grande força centrífuga na medida em que se desenvolve uma escola que consegue, efetivamente, se construir enquanto arena na qual circulam diversas vozes, preparadas para o embate. Talvez, seja essa a grande contribuição da escola e em detrimento a outras, porque nela a linguagem alcança seu dialogismo, ou seja, as verdades que circulam os corredores da escola podem se materializar, entrar em conflito, se transformar e, enfim, constituir discursos variados. E isso é uma grande conquista para os estudantes que ali estão, afinal, grande parte vem de uma família, uma cidade e uma antiga escola em que muitos desses embates eram sufocados pela voz absolutista do pai, o discurso normativo da cidade e palavra de ordem da escola. Essas forças de normatização dos corpos também adentram às portas do Instituto, mas uma vez lá dentro, não se instauram como absolutas, afinal, lá habitam outras vozes que se rebelam contra essas primeiras. Por fim, se edifica um farol em pleno sertão que ilumina corpos e identidades até então apagados e convida e atrai os sujeitos para o embate dialógico.

⁹ O ocorrido pode ser compreendido a partir de matéria disponibilizada no canal de notícias G1. Link: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/01/05/padre-diz-que-ifrn-so-tem-feminista-arbostistas-e-ideologia-de-genero-e-fala-viraliza-na-internet-instituto-emite-nota.ghtml> Acesso em 7 de janeiro de 22.

Essa discussão em torno da escola e da cidade é importante para que se complexifique a análise em torno da comunidade de leitores em estudo. Afinal, seus participantes não são sujeitos neutros e sem voz, mas, por vezes, jovens LGBTQIA+, negros, feministas, participantes dos movimentos sociais, grêmios e diversas ações que demonstram seus posicionamentos e fazem com que muitos enfrentem embates discursivos por imprimirem essas identidades em seus corpos. O que para muitos sujeitos na contemporaneidade tem sido visto como doutrinação nos Institutos nada mais é do que o processo de tomada de consciência de si e do mundo ao seu redor. Ao perceber o sistema conservador e muitas vezes opressor que a moral de suas cidades os submete, muitos alunos se voltam contra elas para a construção de novas possibilidades. E, logicamente, as luzes do mundo incomodam aqueles que estão tão acostumados a ver o mundo apenas pelas sombras da caverna em que habitam.

Urge, então, retomar a discussão acerca da alteridade no momento de leitura. O aluno do IFRN encontra na escola alguns *outros* que demonstram suas identidades de forma distinta da forma que as pessoas de sua cidade a imprimem. Ou seja, habitantes desse ambiente, que não se mostra muito afeito aos diferentes, tendem a mascarar suas identidades destoantes e liberá-las apenas em situações específicas, o que diminui a visibilidade dessas identidades e oprime tais sujeitos. Por outro lado, nas cidades apresentadas nas obras literárias, por exemplo, talvez seja possível uma circulação mais livre dessas representações e, assim, o leitor consegue um maior contato com elas, elaborando melhor entendimento sobre si mesmos.

Da mesma forma, encontram nas páginas dos livros que leem, sujeitos que performam identidades as quais eles sequer imaginam ser possíveis de se performar no ambiente em que vivem. É essa contemplação do outro diferente, esse movimento exotópico, ou seja, essa capacidade de viver momentaneamente uma realidade diferente pelo olhar do outro, que promove esse efeito alteritário na leitura. Além disso, ao final dessa leitura, o leitor traz para si um excedente, fruto dessa interação com o diferente, o que resulta em novas informações apreendidas nessa experiência com esse diferente. É justamente esse excedente de visão que faz com que, por meio da leitura, os sujeitos coloquem em confronto a realidade que observam, suas próprias identidades e as verdades que circulam no ambiente social. Assim, esse processo faz com que os leitores não tomem a leitura apenas como atividade de diversão, mas como uma forma de corroer suas verdades sobre o mundo e dar um acabamento identitário diferente a como enxergam o mundo e, conseqüentemente, a si mesmos.

Não surpreende que muitas das obras escolhidas pelos participantes das comunidades estejam fora do cânone. Na realidade, as leituras perpassam muito daquilo que se chama de *best-seller*, leitura de entretenimento ou literatura de massa. Chamamos atenção para os últimos dois termos, uma vez que o termo entretenimento é usado, por vezes, de forma pejorativa para aludir a uma leitura que tem como fim apenas o divertimento, como se sua prática se resumisse à necessidade de passar o tempo. A problematização do processo de acabamento identitário feito a partir dessas leituras evidencia o quanto essa noção de leitura para passar o tempo é inadequada e subestima seus leitores.

Da mesma forma, a concepção de leitura de massa faz menção a uma literatura feita para vender e agradar o grande público. Essa nomenclatura não se enquadra para os livros lidos pela comunidade por, cada vez mais, essas obras terem nichos bem específicos de sujeitos, como as obras com temática LGBTQIA+, de forma alguma agradando ao poder hegemônico, sobretudo em um país tão preconceituoso quanto o Brasil. Assim, entendemos que essas obras são sim *best-sellers*, afinal muitas são extremamente bem vendidas, mas como nem todas possuem esse prestígio comercial, optamos por definir essas obras como integrantes do fãnone, termo já conceituado anteriormente.

Logo, nesse movimento de leitura de obras que, mais do que distraírem seus leitores, promovem o encontro com uma série de outros tão distintos, as comunidades de leitores iniciam, mesmo que de forma inocente, um processo de descolecionar (CANCLINI, 2015). Nesse processo, as coleções socialmente valorizadas pelas instituições oficiais são colocadas em paralelo com outras

coleções alternativas dos sujeitos leitores, fazendo com que a noção de hierarquia de literatura maior ou menor seja desprezada por esses sujeitos e o que conte mais seja exatamente a sua experiência particular enquanto leitor.

Desse modo, evidencia-se que o processo vai além de um mero processo de catalogação no qual se rompe as fronteiras do que é considerado definitivo como válido ou não para ler, mas também um processo de (re)catalogação de velhas verdades aprendidas por esses jovens leitores, os quais à medida que leem livros, leem melhor o mundo e hierarquizam melhor as suas próprias verdades e visões, corroendo muitas das imposições as quais se impõem sobre eles.

Portanto, a prática da leitura em uma instituição que preza pelo diálogo e pelo embate responsivo de ideias tende a gerar sujeitos que reconheçam a si mesmos para além do que são ensinados a enxergar e problematizam o mundo em que vivem. Ao se despir de si para encarnar um herói ficcional, esses jovens leitores retornam ao mundo diferentes e, tendo espaço na escola para discutir esses aprendizados e essas jornadas tão particulares de cada leitura, a alteridade se torna ferramenta importante para corroer o discurso dominante que se estende de forma tão forte ao longo do solo arenoso do sertão.

Considerações finais

A globalização trouxe consigo não só novas tecnologias que auxiliaram nas formas de comunicação e produção de linguagem entre os indivíduos, mas também novas dinâmicas de organização e de estruturação das práticas discursivas. No que tange à literatura, é evidente como a contemporaneidade propiciou uma variedade de produções e novas formas de leitura, criando um arcabouço enorme de leituras que atendem a diversos gostos e estilos. Para além disso, essa literatura acaba sendo mais acessível para muitos sujeitos e se torna opção de lazer, ao mesmo tempo que perde o seu papel passivo e fornece abertura para que novos autores surjam e, com eles, novas narrativas sobre suas identidades e condição social. Nesse evento discursivo, a escola precisa estar preparada para conhecer essas novas obras e formas de materialização da literatura, para que compreenda o que muitos de seus alunos consomem e possa traçar pontes entre essas leituras e aquelas que os planos curriculares propõem. Para isso, urge a (re)construção de epistemologias de ensino de língua.

A visão da comunidade de leitores Lia Lopes evidencia como uma escola mais responsiva à singularidade de seus alunos consegue ofertar um leque de possibilidades mais rico e representativo desses sujeitos, fazendo com que se sintam parte do processo de formação e se enxergando ao longo do processo. Além de consolidar a formação de leitores, projetos como esse colocam em evidência a validade das leituras que esses sujeitos trazem ao ambiente escolar e faz com que, a partir da leitura e da contemplação da realidade do outro - o herói literário -, discursos que causam o sofrimento e a privação alheia comecem a ser corroídos e, conseqüentemente, novas possibilidades de construção de sentido do mundo brotem.

Assim, a partir dos pressupostos da Linguística Aplicada apresentados neste trabalho, sobretudo no que se refere à singularização do sujeito e a preocupação com as vozes do sul, faz-se importante reconhecer e incentivar novas formas de construção de conhecimento que extrapolam os limites da sala de aula. Os alunos não são sujeitos despídos de conhecimento, sobretudo acerca da própria língua e cultura que performam diariamente, e trazem para a escola um arcabouço cultural e literário variado. Logo, permitir que discutam com outros colegas a partir de seus próprios gostos, impressões e subjetividades é permitir a esses sujeitos não só ecoar suas vozes, mas se sentirem mais ativos no processo educacional e capazes de (re)afirmar a importância daquilo que leem, acreditam e são.

A sala de aula pode ser o início do processo de formação de leitores, mas não precisa ser o fim. A formação de leitores pode ocupar os corredores, os turnos inversos, outras salas que não a

da aula e até o ambiente virtual. Sendo uma possibilidade de contemplar o outro e construir empatia, a leitura não é mero artifício para a aula de línguas, mas uma atividade discursiva essencial para a construção cidadã e emancipação das vozes do sul.

Referências

- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**:1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto: 2018.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA- LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LEFFA, Vilson J. A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no **VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.
- MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PETIT, Michele. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. **Coordenação Zoara Failla**. 5. ed. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Global, 2015
- SANTOS. B. de S. **Do pós-moderno ao pós-colonial**. E para além de um e de outro. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2004.
- SILVA, J. dos S. A saga do aluno inacabado: formação de leitores e centrifugação de sentidos em diários de leitura sobre Percy Jackson e o Ladrão de Raios. In: Anais do **I Congresso Nordestino de Linguística Aplicada** (Online). Anais. Aracaju: Ed. dos autores, 2021. p. 986 - 999.
- SILVA, J. dos S., CASADO ALVES, M. da P. Entre traças de leitura e caçadores de identidade: a trajetória dialógica da comunidade de leitores do IFRN – Campus Macau. **LínguaTec**, 4(2), 2019, p. 165–185.